

## **DANÇA DO MASCARADO KAMBEBA - AIKIMA CURUMAWA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: ARTE E CULTURA NA ESCOLA**

Aden Souza Moreira <sup>1</sup>  
Adriana do Nascimento Araújo <sup>2</sup>  
Daniele Camila Pinto <sup>3</sup>  
Selma Machado Simão <sup>4</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma prática pedagógica realizada com os alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental na escola EMEFEI Padre Francisco Silva, localizada em Campinas- SP. Teve como objetivo apresentar e valorizar a cultura indígena do povo Kambeba - Aikima Curumawa, através da dança do Mascarado. Esta atividade interdisciplinar incluiu: expressão corporal, confecção e pintura de máscaras de animais e contação de histórias. Esta atividade promoveu o respeito à natureza e à diversidade cultural, integrando arte, cultura e preservação ambiental. Fundamentou-se na concepção filosófica da educação intercultural pautada nas obras de Denilson Baniwa e Ailton Krenak. Baseou-se na opção metodológica da Fenomenologia propondo uma abertura à ampliação da percepção, tendo como referencial teórico, o estudo de Maurice Merleau-Ponty e a predisposição à vivência da experiência, trazida por Jorge Larrosa Bondía. A ação também promoveu os preceitos da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, sendo eles: fruir, contextualizar e produzir arte. A atividade teve dois momentos, sendo o primeiro iniciado com a contação de história que apresentou a história da Curupira, e o segundo propôs a formação de uma roda de conversa realizada para trazer informações sobre os povos originários, possibilitando o desenvolvimento de temas como o uso correto do termo “Indígena”. A ação materializou um momento de interação onde todos puderam aprender a cantar e dançar por meio da forma tradicional do povo Kambeba. Incentivou o protagonismo das crianças e o reconhecimento da cosmologia indígena como patrimônio da cultura brasileira. Este trabalho reforçou o sentimento de pertencimento, a empatia e a consciência ecológica de todos os envolvidos. Os resultados obtidos demonstraram que o ensino de Artes é um poderoso meio de diálogo entre culturas, beneficiando toda a comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Cultura Indígena, Arte, Educação, Interculturalidade.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [a194871@dac.unicamp.br](mailto:a194871@dac.unicamp.br) ;

<sup>2</sup> Doutora pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [aamendes@unicamp.br](mailto:aamendes@unicamp.br);

<sup>3</sup> Graduada em Educação Artística pelo Centro Universitário de Araras e Professora PEB III da Rede Municipal de Campinas, [danielecamilapinto@educa.campinas.sp.gov.br](mailto:danielecamilapinto@educa.campinas.sp.gov.br);

<sup>4</sup> Professora orientadora: Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, [selmams@unicamp.br](mailto:selmams@unicamp.br).





## INTRODUÇÃO

A escola, sendo uma espaço de diálogo entre saberes e valorização da diversidade cultural brasileira, deve ser apoiada em todos os sentidos. Inserir a cultura dos povos indígenas nas escolas é um passo fundamental para desconstruir pensamentos e estereótipos, combater vários tipos de preconceitos e promover o reconhecimento das diferentes identidades dos povos indígenas no Brasil.

Compartilho uma prática que foi desenvolvida como bolsista do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, as oficinas realizadas com turmas do 4º e 5º ano do ensino fundamental. O Objetivo Geral é reconhecer e valorizar a cultura indígena do povo Kambeba - Aikima Curumawa, por meio da Dança do Mascarado, promovendo o respeito à natureza e à diversidade cultural através da contação de histórias, da confecção de máscaras e da expressão corporal. Tendo como os Objetivos Específicos: Apresentar a Dança do Mascarado e seus significados culturais; Refletir sobre o papel simbólico do Curupira e outros personagens da floresta na cultura Kambeba; Estimular a criatividade por meio da pintura de máscaras de animais e Explorar a linguagem corporal na dança como forma de expressão artística e cultural.

As oficinas foram realizadas nos dias 12 e 15 de maio de 2025 na escola EMEFEI Padre Francisco Silva, com o apoio da Gestão escolar e dos professores regentes, e realizadas pelo a professora Daniele Camila Pinto e pelos bolsistas do PIBID, Aden Souza Moreira, Giovanna Gabriela Crispim Miranda, Matheus Henrik Monteiro de Sousa e Vinicius Rodrigues Lima.

## METODOLOGIA

Segundo a Merleau-Ponty (1999, p. 19) “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”. A fenomenologia busca apreender a essência dos fenômenos, ressaltando as experiências factuais da vivência pelo corpo. Assim este estudo se ancora neste método, além de considerar a experiência como um “(...) primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que experimenta, que se prova” (Larrosa, 2002, p. 25).



A abordagem triangular orienta as práticas educacionais desenvolvidas, já que ao preconizar o fruir, o produzir e o contextualizar arte, estabelece inúmeras relações cognitivas e sensíveis em diferentes dimensões (Barbosa et al, 2010).

As estratégias metodológicas para iniciar o desenvolvimento dos conteúdos contou com a escuta e com as conversas sobre a importância da floresta e a identidade indígena. Trabalhamos o uso do termo correto para se referir aos povos originários, sendo que muitos já o conheciam, porém alguns não sabiam que se pode usar a palavra “Índio” mas sim a palavra “Indígena”. Apresentamos alguns objetos culturais como o cocar, o maracá e a máscara da Curupira e sua indumentária. Compartilhamos também, a história da Curupira que é um símbolo protetor da floresta, e esse foi um momento especial da magia amazônica. Desenvolvemos uma vivência com a Dança do Mascarado, ensinando a letra tradicional, e os passos da Dança. Posteriormente, disponibilizamos máscaras impressas em papel A4, propondo uma atividade artística de pintura de máscaras de animais para que as crianças pudessem ter essa vivência, dar vida a sua máscara e poder colorir a seu modo. Assim, foi realizada, uma profunda reflexão sobre o fato de sermos partes da natureza. A apresentação da Dança do Mascarado com as máscaras, foi realizada com guitarra e tambor, instrumentos tocados ao vivo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O Trabalho foi desenvolvido tendo como suporte a orientação da lei: Lei nº 11.645/08, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” (Diário Oficial da União, 2008).

Wunder (2017, p. 215) aponta que, com a filosofia de Gilles Deleuze e de alguns de seus leitores, como o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, desafiamo-nos a encontrar com regimes conceituais indígenas no sentido de uma educação que se deixe contagiar por estas forças e não somente conceda um lugar dentro de seus já conhecidos territórios de saber. A inserção da temática indígena, africana e afrobrasileira nos currículos escolares, a definição de políticas de cotas para indígenas e negros e outras políticas afirmativas são imprescindíveis para o combate ao preconceito e exclusão social.



Wunder (2017, p. 525) reflete que a nossa ignorância em relação às palavras e saberes dos indígenas, instiga a pensar sobre as relações naturalizadas em nossa cultura escolar e acadêmica, as quais traçam caminhos entre conhecimentos e linguagem escrita. Para Ailton Krenak, nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade e do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar (Krenak, 2019, p. 13). Segundo Baniwa, devemos perdoar “ (...) aqueles que por desconhecimento fazem uma imagem estereotipada, mas livre-os do desconhecimento e do preconceito que os fazem acreditar que ainda somos indígenas de 1500 (...)” (Baniwa, 2018).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade da contação de histórias e do compartilhamento dos saberes da cultura Kambeba teve início com uma breve apresentação, sendo que a conversa inicial abordou a forma de se direcionar aos povos originários, destacando e reforçando o uso das terminologias corretas e adequadas. Foi explicado o motivo pelo qual devemos usar a palavra “indígena” que significa natural do lugar, valorizando a ligação desses povos com suas histórias, modo de viver, cultura, ao invés de “índio” que tem um significado errado e inadequado, pensando em realizar uma boa comunicação e para não faltar com o respeito aos povos indígenas do Brasil. A maioria das crianças demonstraram conhecer o uso correto, e as que não conheciam mostraram grande interesse em conhecer o termo correto.

Foi explicado o uso do cocar, como símbolo de respeito, liderança e conexão ancestral. Para a atividade levamos um cocar, maracás e diversas máscaras, sendo possível que as crianças pudessem e vestir o cocar e as máscaras, enquanto manuseavam os maracás ouvindo a sonoridade do instrumento, permitindo uma melhor experiência e aprendizado sobre os objetos. Quase todas as crianças participaram e compartilharam esse momento que tinha como intuito, demonstrar de forma prazerosa através de uma bela experiência sensorial, como é a cultura apresentada. Em seguida, o ministrante trouxe alguns mistérios da floresta Amazônica e narrou a história do Curupira, figura representada pelo seu cabelo de fogo e pés voltado para trás, descrevendo-o como uma criatura mágica, misteriosa, com poderes



encantados, guardião e protetor da floresta e que vive nas profundezas da floresta amazônica. Para prender a atenção das crianças, foi utilizado o maracá durante a contação e em um dos episódios mais interessantes, foi usado de um apito de madeira trazendo um recurso auditivo para a história, e tornando ainda mais envolvente a atividade. A apresentação da lenda do Curupira, possibilitou trazer reflexões sobre a preservação e sobre assuntos voltados à proteção da floresta.



Figura 1: Foto de Giovanna Gabriela Crispim Miranda, 2025.

Foi realizada uma contextualização da *Dança dos Mascarados* do povo Kambeba - Aikima Curumawa, destacando sua origem, saberes e práticas que atravessam gerações através da oralidade. Foi ensinada a letra da música da *Dança dos Mascarados* e também seu significado: “Vamos ralar, vamos ralar, mandioca nessa hora...”. Evidenciamos que a música se refere ao processo de ralar a mandioca colhida nas roças para fazer a farinha de mandioca. Foi organizado um ensaio coletivo de dança na sala de aula, com a participação de todos os presentes, crianças e professores, sendo um momento de muita alegria, descontração e interação para todos. Através da dança foi possível reforçar e estimular a coordenação motora, o trabalho em grupo, o respeito e aprendizado.







Foto 2: Foto de Giovanna Gabriela Crispim Miranda, 2025.

Foram distribuídas máscaras impressas em papel A4, relacionando as máscaras de animais da dança dos Mascarados do povo Kambeba (Aikima Curumawa). O momento foi muito animado e com muita agitação, e as crianças puderam ser orientadas para que pudessem fazer a tarefa de colorir as máscaras escolhidas.



Figura 3: Foto de Giovanna Gabriela Crispim Miranda, 2025.





Figura 4: Foto de Daniele Camila Pinto, 2025.

Foi realizada uma breve contextualização da dança do povo Kambeba, reforçando seu valor cultural e espiritual, além de ser reforçado o uso correto dos termos para se dirigir aos povos indígenas, orientando os alunos para o respeito e reconhecimento. Foi também apresentada a importância da ligação do ser humano com a natureza, lembrando que é responsabilidade coletiva o cuidado, a defesa e preservação da mesma. Os alunos, foram convidados a participarem da dança, organizados em dupla e em fileira iniciaram a coreografia. Aos que se prontificaram, foi entregue máscaras prontas e os demais convidados permaneceram sentados assistindo a apresentação. A dança foi um momento de mergulho na cultura Kambeba, mas também possibilitou a uma vivência na cultura indígena para crianças não indígenas, produzindo o sentimento de preservação do patrimônio cultural nacional brasileiro. Foi um momento de muita alegria, era visível no rosto das crianças e dos professores, sendo possível avaliar que houve a participação de todos em um grande envolvimento.







Figura 5: Foto de Jacqueline Teixeira Chaves

A experiência vivenciada trouxe reflexões sobre a realização de práticas pedagógicas que possam estimular os professores valorizando seu papel como mediadores e facilitadores, e também capazes de reconhecer a criança como protagonista no seu aprendizado, valorizando os saberes do meio social no qual está inserida.

O estágio do PIBID, por sua vez, tem sido uma experiência significativa, permitindo conhecer de perto os desafios da docência em Arte, respeitando as particularidades de cada aluno, seu ritmo, seu temperamento e comportamento. A observação e o acompanhamento de professores experientes têm ampliado a compreensão sobre a realidade da sala de aula, com suas alegrias, desafios e constantes transformações.

A experiência proporcionou para crianças, o contato direto com os elementos da cultura Kambeba Aikima Curumawa, permitindo que as mesmas vivenciassem, não apenas os conteúdos propostos, mas também os aspectos afetivos e simbólicos dessa tradição configurando uma experiência de escuta e de diálogo. A contação de história da Curupira despertou a curiosidade e possibilitou o debate sobre a







proteção da floresta, contribuindo para a formação de uma consciência ambiental nas crianças. A Dança do Mascarado como prática pedagógica coletiva, permitiu que os alunos pudessem se expressar corporalmente, desenvolver sua coordenação motora e reconhecer a importância da coletividade. A pintura das máscaras trouxe à tona a criatividade dos alunos fortalecendo o vínculo entre a arte e a identidade cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina Dança do Mascarado demonstrou o potencial que a Arte/Educação tem para integrar, combater preconceitos, desenvolver os saberes tradicionais indígenas, trazendo todas estas instâncias para o contexto escolar. Proporcionou vivências sensíveis, corporais e reflexivas que contribuem para a formação de sujeitos, críticos e respeitosos sobre a diversidade cultural brasileira indígena. Mais do que ensinar uma dança ou contar uma história, essa atividade apresentou o reconhecimento das culturas originárias do Brasil como fonte de sabedoria e resistência. Buscou também, promover um incentivo à formação docente, ampliando a compreensão sobre o papel da escola e do professor de arte, valorizando e trazendo esses ensinamentos sobre a ancestralidade e a pluralidade cultural.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Barbosa; CUNHA, Fernanda (Org.). Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez Editora, 2010. p 64-79.

BRASIL. Lei nº 11.645/08, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, 2008.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, abril, p. 20-28, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WUNDER, Alik. Encontros com poéticas indígenas, férteis fronteiras entre a educação e as artes. Quaestio – Revista de Estudos em Educação, Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 513-527, set./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22483/2177-5796.2017v19n3p513-527>.





KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BANIWA, Denilson. Pai Nosso que estás nos céus. 2018. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/04/19/indigenas-lancam-campanha-contra-estereotipos-para-o-dia-do-indio-nao-precisamos-de-outras-pessoas-para-nos-definirem/>  
Acesso em: 18 out.2025

